

AFROS & AMAZÔNICOS



O LEGADO DE ÉDISON CARNEIRO PELA INCLUSÃO DA CULTURA NEGRA EM UM PROJETO NACIONAL (1947-1964)

The Legacy of Edison Carneiro for the Inclusion of Black Culture in a National Project (1947-1964)

*Elaine Cristina Ventura Ferreira**

Resumo: Nos últimos anos, a historiografia brasileira vem ganhando cada vez mais densidade no que se refere à construção de uma nova forma de entender as relações étnico-raciais e o protagonismo negro na desconstrução do mito da democracia racial. Sabemos que esse imaginário social que ausentou os conflitos raciais gerou problemáticas intensas não apenas na esfera epistêmica como ainda, na compreensão da nacionalidade. Este texto reflete sobre a atuação do folclorista Edison de Souza Carneiro quando agiu em defesa da inclusão da cultura negra no projeto de uma identidade nacional. Ao tomarmos o seu legado como objeto, a intenção foi mostrar que este pesquisador esteve à frente da luta contra a discriminação racial e integração dessas práticas na brasilidade.

Palavras-chave: Edison Carneiro; Cultura Negra; Folclore; Brasilidade.

Introdução

Morreu Edison Carneiro quando se preparava para a realização de um ambicioso projeto que, pela sua importância, seria um dos pontos mais altos da sua carreira de estudioso da História e das Ciências Sociais. Propunha-se ele armado com um cabedal de conhecimentos que armazenara ao longo de mais de trinta anos de pesquisas, a mais ampla meditação quer sobre a sua obra, de alguns dos mais credenciados especialistas dos assuntos do negro no Brasil. Esse, porém, é o Edison Carneiro da história do negro. Autor de uma obra multiforme há outros aspectos a focalizar, comprometido com outras atividades, no campo das Ciências Sociais. Ele foi múltiplo, mas sempre coerente, dentro dessa multiplicidade, empenhando-se. Num só sentido, o da verdade, em qualquer frente de pesquisa, sendo este o seu legado. (DANTAS, 1973, p. 45)

Em dezembro de 1972, Edison de Souza Carneiro morria no Rio de Janeiro após ser vítima de uma trombose cerebral. A sua jovem partida, aos sessenta anos de idade, não foi um impeditivo para que o seu trabalho intelectual fosse lembrado. Advogado, folclorista (ABREU, 2002,

p. 280), jornalista e historiador, esse estudioso deixara um grande legado. Este reconhecimento foi feito por seu colega de ofício, o folclorista Raymundo de Souza Dantas que nas páginas da Revista Brasileira de Folclore (periódico especializado no tema 1961-1976), reivindicou um lugar para aquele pesquisador na memória dos notáveis brasileiros, já que Carneiro, por sua pluralidade de atuação, dedicou-se e foi consagrado como especialista nos estudos sobre o negro. Essa mesma relação afetiva com o especialista baiano foi materializada em 18 de abril de 1974 quando, na vigência do regime militar, o Senador da Aliança Renovadora Nacional (Arena) João Batista de Vasconcelos Torres advogava um espaço para recordação daquele teórico:

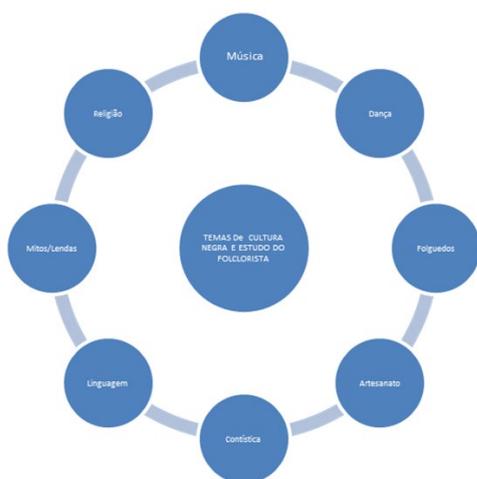
Associar nomes das individualidades marcantes da cultura da nacionalidade aos órgãos que integram a estrutura de retenção da experiência nacional constitui no meu entender, recurso válido para dar mais força criadora ao processo. O professor Edison Carneiro prestou valiosíssimos serviços à cultura brasileira, notabilizando-se, sobretudo, na área de estudos folclóricos. Sua biografia é uma lição admirável do trabalho, de perseve-

* Doutora em história social pela UFRRJ.

rança e de fé e constitui sem dúvida, o melhor subsídio para esta justificação.¹

Esse discurso foi apresentado quando se buscava homenagear Édison Carneiro por sua importante atuação como folclorista associado à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB) desde 1947. Não foi por acaso que a proposta apresentada tinha como fim rebatizar o antigo Museu de Folclore do Rio de Janeiro criado em 1968 de Museu de Folclore Édison Carneiro. Esse tributo ao folclorista nos mostra que a memória construída em torno de seu nome foi tecida por uma rede de interesses políticos, pois em 1964, na vigência do regime militar, Édison foi afastado da direção da CDFB por ser comunista. Ao que tudo indica seu irmão, o senador do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) Nelson Carneiro influenciou nessa decisão (FERREIRA, 2020, p. 178). Sendo assim, traçar uma investigação da trajetória desse intelectual e entender o seu empenho na preservação da cultura negra (ABREU, 2017, p. 11) na ocasião em que a mesma era incorporada ao projeto de uma identidade nacional só será possível à medida que compreendermos que essas tradições foram objeto de pesquisa do folclorista como se afere no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Temas da cultura negra como objeto de investigação do folclorista



Fonte: FERREIRA, 2020.

1. TORRES, João Batista de Vasconcelos. Sala de sessões, 18 de abril de 1974. Diário Oficial Brasília. Projeto de Lei nº 31 de 1974. Hemeroteca. Pasta/Memória da Instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

Esse nosso argumento melhor se sustenta mediante uma análise do discurso de Antônio Osmar Gomes, folclorista e autor de uma vasta produção intelectual sobre o folclore (CHARTIER, 1995, p. 179) nordestino. Ele, no dia 15 de maio de 1949, confirmou esse lugar da cultura negra no folclore como ainda destacou a importância da mesma na composição da cultura consuetudinária brasileira: “a influência do negro africano no que chamamos de folclore brasileiro foi realmente importantíssima”². Para esse autor, a integração da cultura negra na brasilidade foi de valor inestimável e se deu por meio do folclore. Desde seu surgimento no século XVIII, o conceito de folclore foi construído para demarcar uma relação de poder entre as elites e o povo por um lado e, por outro, foi um instrumento usado para fins nacionalistas (BURKE, 2010, p. 20). Sem a pretensão de alavancar em um debate detalhado sobre o conceito de folclore, buscaremos entender como Édison Carneiro advogou um lugar para a cultura negra e a inseriu na brasilidade através do folclore. Para isso, recuaremos brevemente no tempo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada para promover a paz entre os povos. Junto dela surgiu uma entidade para Educação Ciência e Cultura, a Unesco em 1946. Esta atuou em uma frente antirracista e viu no folclore um meio para incentivar a harmonia entre as nações e o respeito às diferenças: “de um modo geral podemos dizer que a Unesco se interessa diretamente por todos os assuntos capazes de diminuir o estado de tensão internacionais, através de uma ação cultural”³. Essa narrativa feita pelo diplomata, folclo-

2. “A Influência do negro”. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1949. Artigo de Osmar Gomes. Hemeroteca. Pasta/Cultura Nacional. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

3. “Arte da Educação Geral”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1949. Entrevista. Renato Almeida. Hemeroteca. Pasta/Educação/Geral/Educação. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.



rista e advogado baiano Renato Almeida mostra a postura do Brasil naquela conjuntura internacional em que o folclore era usado para amenizar os conflitos culturais entre as nações. Foi nessa ocasião, que os estudos de folclore até então realizados de modo informal foi institucionalizado em 1947. Dessa frente, surgiu a Comissão Nacional de Folclore (CNFL), órgão de atuação dos folcloristas brasileiros (FERREIRA, 2020, p. 15).

Esses folcloristas dinamizaram uma política de salvaguarda, defesa e proteção dos costumes consuetudinários. Por essa razão, pensamos o folclore como expressão da cultura popular e, também, um campo de estudos dedicado a compreensão dessas práticas em sua plenitude (FERREIRA, 2020, p. 25). A Carta do Folclore Brasileiro de 1951, documento redigido e aprovado no Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore que ocorreu no Rio de Janeiro é de valor histórico por sinalizar o “espírito” da época que marcou a inclusão da cultura negra na brasilidade. Essa carta não separou o folclore da cultura popular e ao reforçar uma relação entre ambos ela afirmou: “constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo”⁴. Nessa inter-relação, estaria à cultura negra que no período aqui analisado era chamada de folclore.

Esse campo de estudos, o folclore, rendeu inúmeras pesquisas acadêmicas e merece destaque a tese de Luís Rodolfo Vilhena. Para esse antropólogo, os folcloristas buscavam transformar o folclore em uma disciplina ao nível das Ciências Sociais. Mediante essa ambição dos agentes envolvidos naquela temática, Vilhena identificou uma disputa entre esses saberes e afirmou que os folcloristas produziam um conhecimento romântico acerca das relações culturais incompatíveis com os conflitos que envolvem as experiências huma-

4. Artigo: 1º Carta do folclore brasileiro. *Anais do Primeiro Congresso Nacional de Folclore*. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

nas. Segundo o autor, embora o folclore não tenha obtido êxito no plano universitário foi bem sucedido nas políticas culturais, pois colocou em debate o popular no plano nacional. À medida que a cultura popular era reconhecida como símbolo de uma brasilidade, os estudos de folclore avançavam e eram recepcionados pelo poder público. Esse fato desencadeou a criação em 1958 da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CBFB), tutelada pelo Ministério da Educação e Cultura, no governo do presidente Juscelino Kubistchek (VILHENA, 1997, p. 50).

Não pretendemos analisar o percurso da CNFL, tampouco da CDFB, mas destacamos a existência de outras pesquisas sobre o tema como as teses de Vânia Dolores de Oliveira, Ana Teles da Silva e Elaine Ventura Ferreira. Nossa intenção aqui é entender como Édison Carneiro agiu em defesa da cultura negra naquele programa de proteção e salvaguarda do folclore nacional e a incluiu na brasilidade. Não podemos deixar de reiterar que havia uma diversidade de folcloristas envolvidos naquelas ações. Alguns deles, inclusive, merecem ser lembrados como: Luís da Câmara Cascudo, Joaquim Ribeiro, Manoel Diégues Júnior, Cecília Meirelles, Renato Almeida dentre outros, pois reconhecemos a importância de cada um. Contudo, escolhemos analisar o caminho de Édison Carneiro pela singularidade de seu legado, já que ele foi um defensor da liberdade religiosa dos negros desde 1930 (ROSSI, 2011) e autor das seguintes obras: *Religiões Negras* (1936); *Negros Bantos* (1937); *Candomblés da Bahia* (1948) e *Ladinos e Crioulos* (1964). Nas próximas linhas, investigaremos como o nosso pesquisado arquitetou uma narrativa que incluiu a cultura negra na brasilidade através da salvaguarda do folclore.

O popular e o nacional na vertente de Édison Carneiro

Muitos aspectos da civilização brasileira estão marcados pela presença do negro. Mas não apenas no folclore que traz a marca original da África. O próprio folclore



herança branca peninsular ou lusitana – tem por vezes traços nítidos da presença negra. É o que nos afiança Édison Carneiro ao assinalar a presença negra em quase todas as diversões populares brasileiras.⁵

O negro ocupava um lugar de destaque no processo de formação da civilização brasileira. Esse discurso inclusivo foi dito por Guilherme dos Santos Neves, diretor executivo da Comissão Estadual de Folclore do Espírito Santo. Ele, discursando sobre o lugar da cultura negra na brasilidade e na formação de nosso folclore em 1970, mostrou estar embasado nos argumentos de Édison Carneiro. Segundo Neves, o folclore brasileiro teria traços genuínos da África. Para ele, até mesmo a cultura consuetudinária portuguesa havia se apropriado desta “africanidade”. Nesse depoimento o autor reconheceu a heterogeneidade nos costumes tradicionais e destacou que, por meio desta inter-relação, o negro deixou os seus signos em grande parte das nossas diversões populares. Em sua narrativa, o pesquisador não separou os conceitos folclore e cultura popular e, além disso, reafirmou que a integração da cultura negra na nacionalidade foi pelo folclore. Esse mesmo olhar sobre a brasilidade através do popular foi materializado em 1961 quando Jânio Quadros assumia a presidência da república e, ao reconhecer o valor do elemento tradicional disse:

Espero e confio em que os nossos folcloristas, dentro de um plano científico, realizem um trabalho sistemático e pertinaz, feito com devoção e amor ao povo brasileiro e que permita o seu melhor e mais perfeito conhecimento, honre a cultura nacional e contribua para os estudos de folclore comparado que hoje se desenvolvem e multiplicam em todos os países do mundo.⁶

5. “Presença negra no folclore capixaba”. *A Gazeta*, 28 de agosto de 1970. Depoimento Guilherme dos Santos Neves. Hemeroteca. Pasta/religiões afro-brasileiras. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

6. QUADROS, Jânio. In: *Defesa do Folclore Instituição, organização e execução da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro*. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 24 de maio de 1961, p. 03.

Jânio Quadros se mostrou esperançoso com as ações de salvaguarda empreendidas pelos folcloristas brasileiros. Para ele, aquelas atividades deveriam ser realizadas com afeto e desse modo se buscava desbravar um saber sobre as práticas cotidianas do povo – o seu folclore. Segundo o presidente, somente assim a cultura nacional teria um sentido concreto. Jânio, quando reestruturou a CDFB, atendeu ao pedido dos folcloristas que participaram ativamente do projeto de construção de uma identidade nacional: aceitando a ponderação dos folcloristas brasileiros que solicitavam uma reestruturação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação o presidente da república enviou memorando ao ministro determinando a nomeação do professor Édison Carneiro⁷.

Esse folclorista que já estava à frente de uma ceara de pesquisas sobre o negro desde 1934 quando participou do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro em Recife ocupou a pasta executiva da CDFB por quatro anos⁸. Nascido em 12 de agosto de 1912 na Bahia, Édison Carneiro era *sui generis*, pois aos 16 anos escrevia crônicas para a imprensa de sua cidade. Participou nos anos de 1920 da Academia dos Rebeldes onde conheceu o escritor e poeta Jorge Amado. Comunista, foi ainda defensor das festas religiosas de matrizes africanas e teceu relações de amizade com dirigentes de candomblés nagôs (PARÉS, 2007, p. 25), como mãe Aninha e Martiniano Eliseu do Bonfim (LIMA, 1987). Era estudioso dos cultos de matrizes africanas e, por isso, foi contratado pelo jornal *O Estado da Bahia* em 1936 (ROSSI, 2011).

7. Ver: “Édison Carneiro na Direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro”. *A Gazeta*. São Paulo, 13 de maio de 1961. Hemeroteca. Pasta/memória da instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

8. Ver: “Édison Carneiro na Direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro”. *A Gazeta*. São Paulo, 13 de maio de 1961. Hemeroteca. Pasta/memória da instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.



Em sua gestão na CDFB, algumas conquistas foram possíveis como ele mesmo afirmou; além da Revista Brasileira de Folclore criou: o Museu de Artes e Técnicas Populares em São Paulo; o Atlas folclórico (mapa dos folclores regionais e, instrumento de intercâmbio cultural entre os países); cursos de especialização em folclore em convênio com as Universidades da Bahia e do Ceará; a Biblioteca especializada em folclore batizada de Amadeu Amaral em homenagem a este folclorista falecido em 1929; o prêmio para os estudantes relativo ao tema do folclore; o convênio entre Brasil e Peru de 1963 (CARNEIRO, 2008).

Na política cultural promovida por Jânio Quadros, não havia dúvidas de que era preciso amparar a causa defendida pelos folcloristas: proteger, preservar e salvar os costumes do povo. Pois, somente assim, seria possível conhecer o homem comum, o brasileiro em suas práticas culturais cotidianas em seu processo histórico. O presidente, inclusive, acreditava que sem isso, não haveria condições de se configurar as bases fundamentais da nação. Essa afirmação só reforça o lugar que as tradições populares estavam ocupando no projeto nacional daquele momento:

Só o estudo e a pesquisa do folclore nos podem permitir o conhecimento exato da vida do povo, na sua realidade presente e na sua continuidade histórica, elementos fundamentais para traçar a configuração de um país. Daí seu importante caráter social, porque da cultura popular se projetam forças que contêm as essências mais profundas da nacionalidade, vencem o tempo e constituem um precipitado de suas mais legítimas tradições.⁹

Esse “espírito” de busca pela brasilidade marcou a trajetória de Édison Carneiro quando esteve à frente de uma agenda de salvaguarda e proteção da cultura negra nacional na ocasião chamada de folclo-

9. “Jânio Afirma: não podem os governos ser indiferentes à cultura popular.” *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04 de junho de 1961. Hemeroteca. Pasta/memória da instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

re. O folclorista não duvidou de que essas tradições eram elementos integrantes de nossa identidade. E, quando pôde expressar em palavras algumas representações daqueles costumes, não os separou do folclore. A retórica da perda foi um elemento norteador de sua narrativa, pois Carneiro usava o folclore para inserir as heranças de matrizes africanas na nacionalidade:

Em 1958 uma comissão de intelectuais interessados na preservação e reconstituição das artes populares brasileiras (manifestações que vem sendo gradativamente destruídas em consequência das condições sociais e financeiras do país) resolveu instituir a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Desde então um homem vem participando direta ou indiretamente desta campanha: é Édison Carneiro, que foi nomeado agora diretor executivo da Campanha e tem muitos planos para imprimir-lhes novos rumos: “até hoje” conclui Édison Carneiro, “não temos ideia exata do folclore nacional”. Por isso, com auxílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, iremos promover um levantamento completo daquilo que dispomos. Somos uma terra rica nesse particular temos: cavalhadas, congadas, cheganças, caboclinhos, folias de reis, caiapós, festa do divino e Moçambique.¹⁰

Para Édison Carneiro, era preciso fazer um levantamento do folclore, pois o popular precisava ser conhecido. O folclorista reconheceu que esses costumes seriam um traço de nossa singularidade enquanto povo segundo ele, tudo aquilo seria uma riqueza e a cultura negra ocupava uma posição de destaque em sua abordagem. O desenvolvimento de um entendimento mais complexo sobre esse intelectual melhor se explicita pela linha de interpretação da historiadora Paulina Alberto. A autora apresentou uma discussão necessária para nossa análise porque mostrou os agenciamentos e ativismos de intelectuais negros na luta contra a discriminação e combate ao mito da democracia racial. O debate proposto pela pesquisadora retira o negro de uma invisibilidade social e

10. Visão, 14 de abril de 1961. Hemeroteca. Pasta/memória da instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.



histórica que durante muito tempo não o reconheceu como sujeito no processo de lutas políticas (ALBERTO, 2020). Com base nas discussões travadas por essa estudiosa, observamos o seguinte: à medida que o folclore se tornava símbolo da nacionalidade, Édison Carneiro não via outro espaço para inserção da cultura negra no projeto nacional senão pelo folclore como ele mesmo confirmou:

Este Congresso tem por fim estudar a influência do elemento africano no desenvolvimento do Brasil, sob o ponto de vista da etnografia, do folclore, da arte, da antropologia, da história, da sociologia, do direito, da psicologia social, enfim, de todos os problemas de relações de raça no país. Eminentemente científico, mas também eminentemente popular, o Congresso não reúne apenas trabalhos de especialistas e intelectuais do Brasil e do estrangeiro, mas interessa a massa popular, aos elementos ligados por tradições de cultura, por ativismo ou por quaisquer outras razões, à própria vida artística econômica, e religiosa do negro no Brasil.¹¹

Esse discurso foi proferido em 1937 quando Édison Carneiro presidiu o Segundo Congresso Afro-Brasileiro que aconteceu na Bahia. Ao se colocar como um intelectual perante os demais integrantes do evento, Carneiro reivindicou um lugar para o negro no projeto nacional lançando as sementes para a construção de uma nova história social para esse sujeito – o negro. Segundo seus argumentos, o negro participou ativamente no desenvolvimento do Brasil do ponto de vista da cultura dos aspectos econômicos e sociais. Para ele, a conferência não era uma reunião restrita aos especialistas, mas as pessoas comuns deveriam ter o mesmo interesse. O negro saía da condição de objeto e se tornava agente na construção de um discurso sobre o nacional. Édison Carneiro ainda colocou em questão o tema racial e ressaltou a necessidade de trazê-lo, naquela época, ao debate.

11. CARNEIRO, Édison. *O Estado da Bahia*. Bahia, 1938. Hemeroteca. Pasta/Cultos. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

Nesse sentido, mais uma vez é importante reiterar que a atuação deste folclorista descortina o mito da democracia racial do período porque ele reconhecia a dificuldade que tinha a sociedade brasileira de compreender até mesmo as manifestações da religiosidade de matriz africana. Não por acaso que em 1958 durante uma palestra na Universidade do Brasil que o pesquisador afirmou: “esses cultos constituíram um dos primeiros organismos de defesa dos negros contra a pressão da sociedade brasileira”¹². A narrativa de Édison Carneiro demonstra claramente a existência de longos conflitos culturais na sociedade brasileira devido à experiência da diáspora africana e a opressão gerada pelas heranças colonialistas. Desse modo, refletir sobre o legado desse intelectual se constitui como algo necessário para mais uma vez compreendermos que havia uma intelectualidade negra ativa buscando reconstruir a história social do negro e integrá-lo no projeto de uma identidade nacional.

Questão racial e inclusão da cultura negra na brasilidade segundo Édison Carneiro

O problema da raça negra está na ordem do dia entre nós. Há dias era uma famosa artista negra de renome internacional, que era proibida de hospedar-se em um de nossos grandes hotéis. Mas recentemente, atribui-se a um dos candidatos que pleiteiam a governança do estado, palavras pejorativas aos negros. Mas tudo isso, é escondido em nossos compêndios oficiais de história e não são mencionados nas aulas escolares. Daí a importância dos trabalhos de Édison Carneiro e outros estudando tais assuntos esclarecendo-os, colocando-os em seus devidos termos e valores. É uma obra de justiça que realiza ao mesmo tempo em que é um auxílio que presta ao conhecimento verdadeiro do nosso passado.¹³

12. “Cultos africanos são monoteístas e nada têm de idolatria, diz etnólogo”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1958. Hemeroteca. Pasta/cultos. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

13. “O negro em nossa formação histórica”. *Jornal de Notícias*. São Paulo, 03 de setembro de 1950. Depoimento jornalista Heitor Ferreira Lima. Hemeroteca. Pasta/Cul-



No dia 03 de setembro de 1950, Heitor Ferreira Lima jornalista brasileiro evocou o nome de Édison Carneiro em sua matéria: “O negro em nossa formação histórica”. Apropriando-se do legado intelectual de Carneiro, denunciou o racismo vivido por uma artista da época em um hotel renomado. Segundo o comunicador, aquele folclorista tinha uma caminhada importante na luta contra a discriminação racial no país. Para ele, Édison Carneiro era não apenas um estudioso do negro como ainda seria uma referência quando o assunto eram os modos de enfrentamento do silêncio dos livros didáticos que não prestava, de acordo com esse repórter, um conhecimento verdadeiro do pretérito, ou seja, a condição de exclusão social vivida pelo negro. Foi por esse motivo que o entrevistador reconheceu e destacou a relevância da produção intelectual do pesquisador baiano.

Como folclorista, a trajetória de Édison Carneiro, perpassou exatamente o processo de inclusão da cultura negra no projeto de uma identidade nacional. Portanto, estudar o percurso desse intelectual requer tecer um legado de épocas que se entrecruzam. Em outras palavras, o pesquisador, declarou seus sentimentos e afirmou ter uma relação de afeto com o folclore; e dele, não separou, por exemplo, as religiões de matrizes africanas. Ao contrário, naquela proposta em que essas práticas culturais eram compreendidas como folclore, e este simbolizava a brasilidade, Carneiro expressou, então, as suas emoções dizendo:

Explico meu amor pelo folclore dizendo-lhes: “sou baiano”. Aos oito anos lá na Bahia – e quando digo Bahia é Bahia mesmo o que hoje vocês chamam de Salvador – eu já andava em roda de capoeira. Filho de família modesta e baiano mesmo, os costumes e a arte singela de nossa gente sempre me despertaram amor. Conhecia-os de perto, com este conhecimento que a gente tem daquilo que se vê todo o dia, gosta sem saber a origem e acaba sabendo muito a respeito.

tos. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

Vivi trinta anos na terra do senhor do Bonfim, no meio de festas de bumbas, assistindo candomblés, dançando samba de roda e achando tudo aquilo natural. Não era espetáculo para turista fazer tradição de nosso povo. Foi em 1932, quando saiu o primeiro livro de Nina Rodrigues que comecei a estudar aquilo que conhecia por conhecer. Em 1933 fiz então um estudo sobre os candomblés, mas somente em 1936, quando quis escrever meu primeiro livro foi que saí pesquisando para descobrir outras gentes que não os negros nagôs falados por Nina. Sabia que existiam, pois o que via atestava. Em 1937 escrevi *Negros Bantos*, daí seguiu-se uma série de artigos livros estudos em busca ou elucidando a sabedoria do nosso povo. Suas origens, suas credences, suas danças, suas poesias, suas músicas tudo isso é apaixonante.¹⁴

Em 26 de agosto de 1963, durante uma entrevista ao *Correio da Manhã*, Édison Carneiro estabeleceu um elo entre as religiões de matrizes africanas e o folclore e afirmou ter laços de identificação com ambos. Como pesquisador da cultura negra, e folclorista, ele ainda mostrou que estava a fim de “descobrir” outras gentes para além dos nagôs falados por Nina Rodrigues. Esse seu discurso guarda uma proposta intencional relacionada à salvaguarda e preservação daquelas tradições para que deste modo elas fossem incluídas em um projeto nacional. Esse foi o entendimento não somente de Édison Carneiro, mas dos folcloristas de sua geração. Para uma época em que não se reconhecia a importância das heranças de matrizes africanas na formação cultural e histórica do Brasil, esses autores foram ambiciosos. Evocar a memória daquele intelectual baiano se refere ao fato da precariedade de estudos sobre o mesmo no campo acadêmico o que reforça as relações de poder na esfera intelectual. Mariza Corrêa acredita que esse autor não ocupou uma Cátedra na academia por sua origem racial como ainda por ter sido um ativista pela liberdade da prá-

14. “Depoimento de Édison Carneiro”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1963. Entrevista com Édison Carneiro. Hemeroteca. Pasta/memória da instituição. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.



tica dos candomblés na Bahia (CORRÊA, 1998). Luís Rodolfo Vilhena, Ana Carolina Nascimento e Luís Gustavo Freitas Rossi são autores que se dedicaram a uma análise sobre a obra daquele folclorista na área da antropologia, mas acredito que ainda há perguntas a serem feitas, já que este autor esteve à frente de uma luta antirracista; foi um ativista deixando um imenso legado intelectual.

Considerações finais

Durante muito tempo o mito da democracia racial no Brasil tratou o racismo como um evento isolado ou excepcional. Não podemos negar a violência social e histórica que há por trás deste imaginário que ainda persiste e que implica em nosso entendimento como nação, mas também no acesso à cidadania e na construção de uma sociedade igualitária. Essa tal democracia dissociou os direitos sociais da questão de raça e se tornou um problema crônico devido, especialmente, a manutenção das desigualdades sociais. Ainda, gerou uma violência simbólica, uma vez que o negro não foi tratado como sujeito político. Não temos dúvidas das forças políticas e disputas por memórias na invenção deste pensamento de uma nação harmônica.

Ao trazemos o legado de Édison Carneiro para um debate acadêmico, a proposta foi mostrar o seu ativismo intelectual e compreender como ele agiu na sociedade de seu tempo em defesa da inclusão da cultura negra no projeto de uma brasilidade. Conforme observamos em seus discursos, a inclusão daqueles costumes na identidade não foi um processo natural. Ela foi transformada em objeto de investigação dos folcloristas que na ocasião construíram um imaginário sobre o nacional e nesta brecha foi que essas tradições foram inseridas nesta comunidade imaginada brasileira. Para que tudo isso ocorresse, não podemos anular o papel que a Unesco exerceu no pós-guerra, uma vez que transformou o folclore em um símbolo de compreensão cultural entre os povos. Diante de tal fato, nos cabe então entender

que a folclorização desses costumes, embora relevante para seu tempo, também representou uma relação de força social e simbólica, já que essas práticas, não ultrapassaram a esfera do folclore e assim foram incluídas na cultura nacional.

Essas forças então operantes não foram um impeditivo para que Édison Carneiro, ciente do racismo existente, agisse segundo seus próprios interesses, ou seja, disseminar uma agenda de valorização daqueles costumes. Não é à toa que o estudioso expressou seus sentimentos afetivos e não separou, por exemplo, o candomblé do folclore. Outro dado a se destacar é o discurso do jornalista Heitor Ferreira Lima que, ao reconhecer a importância da produção intelectual de Carneiro, sinalizou claramente o quanto ela era um instrumento de denúncia contra a discriminação vivida pelo negro no país. A obra de nosso pesquisado ainda está para ser estudada, já que ele foi ativo em uma luta política pela cultura negra brasileira e na construção de uma história social para o negro. A fala desse repórter e a atuação do próprio Édison demonstram a presença do racismo nas experiências cotidianas dos segmentos negros e descortina o mito da democracia racial latente naquele período.

Referências

- ABREU, Martha; BRASIL, Eric; MONTEIRO, Lívia. XAVIER, Giovana (Orgs.). *Cultura negra Festas, Carnavais e patrimônios negros*. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.
- ABREU, Martha. Folcloristas. In: *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 280-283.
- ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão. Intelectuais negros brasileiros no século XX*. São Paulo: Unicamp, 2020.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARNEIRO, Édison. *Dinâmica do Folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



CHARTIER, Roger. Cultura popular revisitando um conceito historiográfico. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 08, n°: 16. p.179-192, 1995.

CORRÊA, Mariza. "Traficantes do Excêntrico os antropólogos do Brasil dos anos 30-60". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n°, p. 01-09, fev, 1998.

DANTAS, Raymundo Souza. "O legado de Édison Carneiro". *Revista Brasileira de Folclore*, janeiro/abril, número 35, 1973.

FERREIRA, Elaine Cristina Ventura. *Folclore e Museu: A cultura negra no imaginário de um projeto nacional mestiço brasileiro (1947-1982)*. Instituto de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (Tese). Doutorado em História, 2020.

LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas de (Orgs). *Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos de 04 de janeiro de 1936 a 06 de dezembro de 1938*. São Paulo: Corrupio, 1987.

PARÉS, Nicolau. *A formação do Candomblé História e Ritual da nação jeje na Bahia*. São Paulo: Unicamp, 2007.

ROSSI, Luís Gustavo Freitas. *O intelectual "feiticeiro": Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. *Projeto e missão o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

-----//-----

Abstract: In recent years, Brazilian historiography has been gaining more and more density with regard to the construction of a new way of understanding ethnic-racial relations and black leadership in the deconstruction of the myth of racial democracy. We know that this social imaginary that excluded racial conflicts generated intense problems not only in the epistemic sphere but also in the understanding of nationality. This text reflected on the performance of folklorist Édison de Souza Carneiro when he acted in defense of the inclusion of black culture in the

project of a national identity. By taking his legacy as an object, the intention was to show this researcher was at the forefront of one of the fight against racial discrimination and the integration of these practices into Brazilianness.

Keywords: Edison Carneiro; Black Culture; Folklore; Brazilianness

Recebido em: 25 de setembro de 2021.

Aceito em: 10 de outubro de 2021.